

Catarse e sublimação nas *Pathosformeln* cósmicas de Aby Warburg

Priscila Risi Pereira Barreto¹

 0000-0002-9042-8910

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4690

Resumo

Nesta apresentação demonstramos que a temática astrológica presente nos estudos de Aby Warburg foi pensada em um sentido amplo, como parte de um sentido de orientação cósmica, que se expressa nas artes que o homem faz para se guiar no mundo-cosmos-natureza. Por estas vias, alcançamos as ideias de imagem e arte – enquanto formulações empáticas resultantes das polares lutas humanas em relação a seu destino – e compreendemo-las enquanto documentos expressivos e testemunhos igualmente relevantes.

Palavras-chave: Aby Warburg. História da Arte. Astrologia. Psicologia. Iconologia.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (PPGHA-UNIFESP), com orientação do professor Dr. Cássio da Silva Fernandes (EFLCH/PPGHA-UNIFESP). As reflexões aqui apresentadas partem de pesquisa de mestrado desenvolvida pelo mesmo programa e orientação, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo 2018/06913-0). As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Quando usou o termo *Pathosformel* publicamente pela primeira vez, em uma conferência sobre A. Dürer², em 1905, Warburg demonstrou uma análise comparada entre diferentes representações do tema da morte de Orfeu, a partir de vários desenhos e gravuras da Kunsthalle, em Hamburgo, entre elas, “o desenho” feito por Dürer, em 1494, e a cópia da gravura pertencente ao círculo de Mantegna, que lhe serviu como um dos modelos. Somente nesta sua apresentação, mas também ao longo de toda sua obra, podemos observar ao menos quatro pontos essenciais que perpassam sua abordagem investigativa: o problema das fontes da história (da arte), o da hierarquização das obras artísticas, o da análise formalista “unilateral” e o problema “idealizante”.

Do início ao fim da conferência, Warburg denuncia que as obras analisadas não haviam sido consideradas como “documentos sobre a história da reintrodução da Antiguidade na cultura moderna” porque a “doutrina classicista unilateral” da “grandeza serena” impedia uma análise mais aprofundada deste material, defendendo que os “tesouros formais da Antiguidade redescoberta” serviram de modelo tanto para a “mímica pateticamente intensificada” como para a “serenidade clássica idealizante”, pois o tema de Orfeu, “essa dança trágica”, era acima de tudo uma “experiência arraigada no obscuro mistério da saga dionisíaca”³.

Para compreendermos o complexo prisma por qual o conceito de *Pathosformel* se reflete em seus estudos, inicialmente, é preciso lembrarmos que a obra de Warburg vai muito além do conjunto de seus escritos, publicados ou não, abarcando também a constituição do inacabável Atlas de imagens (*Bilderatlas Mnemosyne*, e da Biblioteca Warburg para Ciência da Cultura (Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg- KBW). Vista como uma “biblioteca de problemas” e não de livros⁴, organizada pela lei da boa vizinhança, a KBW materializava a própria proposta epistemológica de Warburg⁵, que contrariava as fronteiras disciplinares, geográficas e temporais, e se unia às outras ciências irmãs neste laboratório-arsenal⁶.

Assim, ao invés de pensarmos em um método warburgueano aplicável e estanque, é preciso aceitarmos o caráter dinâmico - *Mutatis Mutandis* - de sua obra, eternamente passível de reformulação e

² Dürer e a Antiguidade italiana. (1905) In: WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 435-445.

³ WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 435-436.

⁴ Cf. CASSIRER, 1923, p. 11 *apud* GUERREIRO, Antonio. Aby Warburg e a História como Memória. **Revista de História das Ideias. História e Verdade(s)**, Coimbra, v. 23, 2002, p. 393-394. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/41705/1/Aby_Warburg_e_a_historia_como_memoria.pdf Acesso em 29 ago. 2018.

⁵ SAXL, Fritz. A história da Biblioteca Warburg – 1866-1944. In: WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, v. 1, 2018, p. 237-238.

⁶ Cf. WARBURG, Aby. De arsenal a laboratório. In: FERNANDES, Cássio da Silva. *et al.* **Revista Figura, Studies on the Classical Tradition**. v. 4, n. 1, 2016, p. 182-193. Disponível em: http://figura.art.br/images/2016/2016_4.pdf Acesso em 22 jun. 2020.

adaptação, tanto nos seus textos e conferências, como nas disposições das imagens do Atlas, ou no ordenamento dos livros na KBW. Autodeclarado como um “historiador da psique”⁷, ou como um “sismógrafo”⁸, Warburg rastreava as *Pathosformeln in statu nascendi*, visíveis nas zonas de tensão, ou de conflito entre polos enérgicos, crendo que os testemunhos da criação figurativa podiam revelar a função polar do ato artístico que oscila entre imaginação e racionalidade, ou identificação e distanciamento⁹.

Refletindo sobre o contexto intelectual de seu tempo, acordamos que parte de uma tradição goetheana reflete-se em sua obra, sobretudo no tocante ao sentido da polaridade que é constantemente evocada em seus estudos¹⁰. De acordo com Warburg, aquilo que “na alta cultura” chamamos por “ato artístico” é algo que se situa “entre a apreensão imaginária e a virada conceitual”, no sentido em que o “homem artístico aciona mnemonicamente uma herança indelével”, em um estado de tensão entre polos¹¹. Também não podemos esquecer de sua filiação à tradição burckhartiana, declaradamente assumida¹², e muito bem esclarecida por E. Wind, em uma conferência sobre o conceito de *Kulturwissenschaft* e o seu significado para a estética¹³.

Em uma carta escrita a sua família, Warburg explicou seu objetivo de conhecimento e iluminação do desenvolvimento histórico-cultural, por meio da “inconclusão dos impulsos irracionais” na investigação do desenvolvimento histórico¹⁴. Observando a remodelagem da aparência humana, por meio do movimento acentuado do corpo e da vestimenta, percebeu a recorrência de modelos como “superlativos autenticamente antigos”, evidentes na linguagem gestual e na retórica muscular, e declarou a intenção de ilustrar a “corrente patética na influência da Antiguidade reavivada” como “*Pathosformeln* transmitidos”¹⁵.

⁷ WARBURG *apud* GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **Aby Warburg. Uma biografia intelectual**. Madrid: Alianza, 1992, p. 303.

⁸ WARBURG, *apud* GUERREIRO, Antonio. Aby Warburg e a História como Memória. **Revista de História das Ideias. História e Verdade(s)**, Coimbra, 2002, v. 23, p. 406. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/41705/1/Aby_Warburg_e_a_historia_como_memoria.pdf Acesso em 29 ago. 2018.

⁹ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p. 218.

¹⁰ Cf. SCARSO, Davide. Fórmulas e arquétipos, Aby Warburg e Carl Jung. *In*: POMBO *et al.* (Eds.) **Enciclopédia e Hipertexto**. Lisboa, Edições Duarte Reis, 2006, p. 536-549. Disponível em: https://www.academia.edu/7227727/F%C3%B3rmulas_e_Arqu%C3%A9tipos_Aby_Warburg_e_Carl_G_Jung . Acesso em: 6 mar. 2022.

¹¹ WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.363-365.

¹² Cf. FERNANDES, Cássio *et al.* (Orgs.) Aby Warburg e o problema da mudança do estilo na arte do Renascimento. **Revista Figura: Studies on the Classical Tradition**, Campinas, v. 5, n. 1, 2017, p. 71-102.

¹³ WIND, Edgar. O conceito de “*Kulturwissenschaft*” em Warburg e o seu significado para a estética. *In*: WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p. 255-280.

¹⁴ WARBURG, 1923 *apud* JOHNSON, Christopher. **Mnemosyne. Meanderings through Aby Warburg's Atlas**. Cornell University, 2012, p. 29. Disponível em: <https://warburg.library.cornell.edu/> Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁵ WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.435.

Inspirado pelos escritos do linguista H. Osthoff, que demonstravam que uma mudança das raízes lexicais não determinava a concepção da “identidade enérgica”, em comparação à qualidade ou à ação indicadas, Warburg compreendeu que a entrada de uma expressão com uma raiz diferente resultava no aumento do “significado originário da palavra”¹⁶. Comentando sobre estas referências sobre o “caráter primitivo dos superlativos” para a comparação de representações de determinados gestos como “palavras primordiais” da “gesticulação apaixonada”, Warburg entendia que tais palavras-imagens, como gestos de emoção, foram extraídas da Antiguidade e retomadas pela arte da Renascença com significado invertido, como “inversão enérgica” ou exegética¹⁷.

Captando o aspecto *Mutatis Mutandis* na linguagem gestual de Salomé como uma mênade, como aparecia em *O Nascimento de São João Batista*, de D. Ghirlandaio¹⁸, este sentido de inversão, como uma das tensões polares que investigou, também é exemplificada na representação de Maria Madalena pelo modelo gestual de uma mênade, como na *Crucificação* de Bertoldo di Giovanni, cuja cópia fotográfica está presente em dois painéis do Atlas *Mnemosyne*¹⁹.

Parafraçando a máxima de J. Reynolds citada por C. Darwin²⁰, sobre os extremos das “paixões contrárias” serem expressos pela mesma ação, Ginzburg chama atenção para outras possíveis inspirações de Warburg nestas formulações conceituais. Buscando as intermediações culturais específicas dos processos de evolução e migração das expressões emotivas, Warburg assumiu seu interesse pela obra de Darwin, referindo-se a uma “ciência das expressões” que o levou a uma dilatação geográfica e temporal²¹. Ao invés de fixar um significado para os temas pictóricos, Warburg atentava para as “variações semânticas das fórmulas visuais” em diferentes contextos²².

Mais tarde, em 1927, Warburg explicou que desde sua juventude pensava em corrigir a tese “Lessing – Winckelmann” (sobre o ideal apolíneo), fazendo uso de um fundamento histórico-cultural que considerou inconcluso até o fim de sua vida²³. Este fundamento inconcluso, que também permeava sua

¹⁶ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p. 220.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 8-9.

¹⁸ WARBURG, *Op. Cit.*, p. 220

¹⁹ GINZBURG, *Op. Cit.*, p. 8-9.

²⁰ “It is curious to observe, and it is certainly true, that the extremes of contrary passions are, with very little variation, expressed by the same action.” REYNOLDS, Joshua. ‘Discursos’, xii. p.100 In: DARWIN, **A expressão das emoções no homem e nos animais**. 1872, p.208. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk>. Acesso em 25 out. 2018.

²¹ WARBURG, Aby. De arsenal a laboratório. In: FERNANDES, Cássio da Silva. *et al.* **Revista Figura, Studies on the Classical Tradition**. v. 4, n. 1, 2016, p.188. Disponível em: http://figura.art.br/images/2016/2016_4.pdf Acesso em 22 jun. 2020.

²² SIMÕES, Thomaz Carneiro de Almeida. **Entre o homem aventureiro e o homem histórico**: Aby Warburg, 1896-1923. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p.116. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> Acesso em: 15 set. 2019.

²³ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p. 37-38.

ideia sobre as *Pathosformeln*, nos leva a compreendê-las enquanto formulações artísticas expressivas, historicamente coordenadas e transformadas segundo o interesse de cada cultura, que por sua vez desvelam a polar e infinita luta humana entre necessidade x liberdade²⁴, ou entre mito e lógica, magia e matemática, culto e cálculo, Alexandria e Atenas, etc.

Cientes de que as “fórmulas antigas” já foram formulações de outras fórmulas mais antigas ainda, e que estas, ao serem revividas, geram novas formulações por sua vez, alcançamos uma noção burkhardtiana de épocas inter-relacionadas e da arte como parte dinâmica da vida histórico-cultural, assim como o sentido nietzschiano de luta entre polos, com o artista em sua formulação sublimadora. Estes referenciais que permeiam toda sua obra, são visíveis até mesmo na estrutura física da KBW, como na forma elíptica propositalmente escolhida por Warburg para a claraboia da sala de leituras. Símbolo da conquista do infinito²⁵, a elipse representava a tensão energética entre os dois pontos, como própria relação do mundo que oscila entre dois polos opostos (mito e lógica, magia e matemática, etc.), e por isso não lhe cabe uma compreensão de progresso linear contínuo, mas de polaridade²⁶.

Igualmente presente e visível, o sentido de busca por orientação cósmica faz parte da maioria destas lutas polares que Warburg estudou. Lembrando que o “drama cósmico” de Orfeu foi imortalizado sob a constelação de Lira, sabemos que Warburg falou sobre Dürer como um dos guerreiros que lutaram pela emancipação do homem moderno, ainda que tratando de temas decididamente astrológicos, como o da Saturnofobia. Sua obra *Melancholia I*, por exemplo, enraizada “em solo materno primordial”, era “fruto maduro cultura cosmológica do tempo de Maximiliano”, em que Dürer dava um passo adiante revelando seu o interesse na ciência natural do fenômeno (conjunção de Saturno), mas demonstrava certa familiaridade com práticas astrológicas e monstros proféticos da Antiguidade²⁷.

Neste sentido, a luta se dava entre a força de uma herança hermética antiga comum a toda Europa²⁸, um sentido de fatalismo cósmico comum ao homem medieval, e o impulso pelo domínio e controle de seu próprio destino pelo homem moderno que despertava. Isto também se revelaria na *Melancholia I* de Dürer, principalmente pela presença do quadrado de Agrippa, representando Júpiter magicamente invocado, e pelo ramo de *Teucrium* que coroa a figura, ambos referentes a antigas práticas

²⁴ Cf. FRAGELLI, Isabel Coelho. Epitáfio a Aby Warburg. (1829)-(Ernst Cassirer) **Discurso**, v. 46, n. 1, 2016. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/119172>. Acesso em 07 dez. 2019.

²⁵ Para Warburg, a ideia da elipse abriu as portas para a dedução da infinidade do universo em conformidade com a regularidade física. WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018, p. 190.

²⁶ Informações obtidas pelo site da *Warburg Haus*. Disponível em: <http://www.warburg-haus.de/en>. Acesso em: 29 ago. 2018.

²⁷ WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.179-187.

²⁸ WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.457.

terapêuticas usadas para o combate a influência maligna de Saturno, e cujos sentidos de uso foi reconhecido por Warburg como um “mitologismo mágico” e “símbolo antissaturniano da força criativa”²⁹.

Lembrando de representações de Saturno com alusões ao antigo deus Kronos, como ainda presentes no calendário de Steffen Arndes³⁰, Warburg observou que, em Dürer, os “funestos demônios planetários devoradores de crianças” foram remodelados pela “metamorfose humanizadora”, na “encarnação plástica do ser humano trabalhador e pensante”³¹. Por isso, também reconhecia a obra de Dürer como um “objeto próprio de transformação artística sublimadora” que revelava a “retomada do Antigo enquanto criador de um novo ideal de atitude humana em relação ao cosmo”³².

Com os estudos que pudemos desenvolver, aprendemos que se o problema de Warburg centrou-se na questão da vida-póstuma do Antigo “para a civilização artística” na época do Renascimento, a tópica da orientação do homem no cosmos perpassou sua investigação intelectual em ritmo constante, desde seus primeiros estudos em Botticelli, em 1893, até os últimos de sua vida, em 1929, com Giordano Bruno. Em sua busca por uma “ciência de orientação em forma de imagens”, uma “nova história da arte científico-cultural”³³, considerava a obra de arte “não apenas como espelho da vida histórica, mas também como instrumento de orientação no cosmos celeste”³⁴.

Aludindo uma “história da psicologia da orientação espiritual”³⁵, ele mesmo afirmou que a astrologia portava “o testemunho mais importante sobre um ponto essencial, visto que no conhecimento do Céu cruzamos com a mais ampla questão de orientação espiritual diante do universo”³⁶. Por isso, compreendemos que sua escolha em tratar sobre “deuses astrais”; “antigas profecias pagãs”, ou “a elipse de Kepler”, se deu porque eram porta-vozes das *Pathosformeln* da Antiguidade que, numa relação polar, reapareciam como inversões enérgicas.

²⁹ WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 187.

³⁰ Cf. Sobre as imagens de deidades planetárias no calendário baixo-alemão de 1519. In: WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.507-513.

³¹ WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 186-187.

³² WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p. 146.

³³ WARBURG, Aby. De arsenal a laboratório. In: FERNANDES, Cássio da Silva. *et al.* **Revista Figura, Studies on the Classical Tradition**. v. 4, n. 1, 2016, p.192. Disponível em: http://figura.art.br/images/2016/2016_4.pdf Acesso em 22 jun. 2020.

³⁴ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v.1, p.32-48.

³⁵ WARBURG, *Op. Cit.*, p.158-170.

³⁶ WARBURG, *ibidem*, p. 144.

Na conferência que apresentou em 1912, sobre os afrescos do Palácio *Schifanoia*³⁷, considerada um marco para nascimento da iconologia, Warburg propôs uma “análise iconológica que não se deixa intimidar pelo controle policial das nossas fronteiras e insiste em contemplar a Antiguidade, a Idade Média e a Modernidade como épocas inter-relacionadas”³⁸. Falando dos deuses antigos como demônios astrais, demonstrou que o Renascimento herdara concepções astrológicas de uma mitologia grega (antiga), que foi intermediada por uma demonologia indiana e árabe (medieval).

Partindo de um “ponto obscuro concreto” para iluminar “grandes processos evolutivos”, explicou que a astrologia “internacional” teve grande importância “desenvolvimento estilístico da pintura italiana” e que foi a “batalha entre forças práticas orientais, nórdico-cortesãs e ítalo humanistas” quem proporcionou a conformação de estilos na Europa do Renascimento e da Reforma³⁹. De tal modo, compreendeu a restauração da Antiguidade “como uma tentativa de liberar a personalidade moderna pelo encanto da prática mágica helenística”⁴⁰.

Repercutindo na ampliação das ideias de Clássico e de Antigo, mais uma vez Warburg reivindicava o lado dionisíaco / demoníaco da herança antiga, sob a trilha de Nietzsche e Burckhardt, e expandia a própria noção de Renascimento, como processos recorrentes e reativos, em que se desvelam os detalhes, as coexistências, as contradições e os significados invertidos da tradição clássica. Por isto, como bem observa E. Garin, a astrologia ocupa o lugar exemplar de encontro e de choque entre os polos de luta que Warburg falava, entre a exigência de sistematização racional e as superstições, entre lógica e magia, ou Atenas e Alexandria⁴¹. Neste ponto, vale destacar ao falar que Atenas *sempre* quer dominar a Alexandria, Warburg entendia que esta luta “primitiva” nunca é finalizada, é inerente à condição humana, não é linear nem progressiva, é polar⁴²!

É neste sentido que o mote *Per monstra ad sphaeram*, como mencionado por Warburg na conferência que realizou em homenagem a seu “amigo astral” Franz Boll⁴³, lhe servia para ilustrar uma regra da “tensão polar entre causa figurativa e lei matemática”, como função humana e psicológica necessária para guiar “em matéria de orientação espiritual”, mas também como uma regra para segui-la

³⁷ Cf. Arte italiana e astrologia internacional no Palácio *Schifanoia* de Ferrara. In: WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.453-505.

³⁸ WARBURG, *Op. Cit.*, p. 475-476.

³⁹ WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 371-373.

⁴⁰ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v.1, p.102.

⁴¹ GARIN, Eugênio. **O Zodíaco da Vida**. A polêmica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI. Lisboa: Editoria Estampa, 1988, p. 14.

⁴² WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v.1, p.144.

⁴³ Cf. A influência da *Sphaera Barbarica* sobre as tentativas de orientação no cosmos no ocidente. em memória de Franz Boll. In: WARBURG, *Op. Cit.*, p.141-196.

no curso do desenvolvimento histórico⁴⁴. Vale lembrarmos que foi graças ao material disponível pela obra de Boll, “*Sphaera. Novos textos gregos e pesquisas para a história das constelações*” (1903), que Warburg pôde decifrar os afrescos do Palacio *Schifanoia*⁴⁵.

Além de Boll, E. Cassirer também foi muito importante para seus estudos cósmicos, levando-o à uma compreensão da matemática como elemento de desestabilização do pensamento medieval, com a função de ruptura com as imagens demonológicas tardo-medievais, ainda que estes dois mundos (dois polos opostos) convivessem por muito tempo⁴⁶. Como Warburg pôde nos esclarecer, a compreensão fatalista da influência dos astros nos destinos do homem, durante o processo de libertação e tomada do próprio destino, passaria pelo estágio arbitrário em que se buscava desvendar futuro graças a oráculos figurativos ou uso de pedras e amuletos, como “estímulos fictícios figurativamente postos”⁴⁷.

Acerca desta tensão e coexistência entre o culto e o cálculo, percebe-se uma alusão à ideia de sublimação (catarse) para a criação de um espaço (*Denkraum*) de consciência, no qual o caminho *Per Monstra ad Sphaeram* (do monstro à esfera e da esfera ao monstro) pode ser entendido como um espaço “substrato da figuração artística”, que permite dissolver o medo pelas formulações empáticas, as *Pathosformeln*⁴⁸. E é sob este prisma que Warburg pensou na “orientação cósmica figurativa do homem europeu no século XV” como “um capítulo da história da cultura na época do Renascimento do Antigo”.

Concluindo, sobre os quatro pontos essenciais que mencionamos, demonstramos que Warburg adentrou a questão das fontes e da hierarquização das obras de arte, ao ampliar seu campo de observação para o Norte e para o Oriente (e América), e ao analisar inventários, relevos, tapetes, pinturas de gênero, arte impressa, manuais astrológicos, desenvolvendo o “problema de intercâmbio de valores expressivos” e vendo o Renascimento como uma “era de migração internacional das imagens” (retóricas, recorrentes e reativas). Já sobre os problemas “idealizante” e da análise formalista “unilateral”, confirmamos que Warburg questionava a forma em que o mundo formal do Alto Renascimento italiano se apresentava para os historiadores da arte, alegando que a astrologia foi importante para este desenvolvimento estilístico, e que o lado dionísíaco / demoníaco também foi parte dos modelos fornecidos pelas artes plásticas e poéticas da Antiguidade.

⁴⁴ WARBURG, *ibidem*, p. 191-192.

⁴⁵ WARBURG, *ibidem*, p.148.

⁴⁶ FERNANDES, Cássio da Silva. Introdução: Sobre uma conferência autobiográfica de Aby Warburg. In: WARBURG, *Op. Cit.*, p.20.

⁴⁷ WARBURG, *ibidem*, p.154-158.

⁴⁸ WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p.482.

Com a pretensão de ilustrar “em imagem e palavra” “o homem na posição de um observador que luta por um espaço do pensamento”⁴⁹, rastreou muitos exemplos de formulações antigas para fins de “orientação cósmico figurativa”, que como “engramas que sobrevivem como patrimônio hereditário gravado na memória”⁵⁰, numa relação polar, reapareciam como inversões enérgicas e desvelavam a luta do homem moderno pela emancipação de um fatalismo cósmico. Nesta sua ampla perspectiva, os objetos artísticos apelam a uma implicação psicológica dos modos de proceder a civilização e as imagens são compreendidas como expressões simbólicas, ao mesmo tempo partícipes, destes estados de tensão perenes à condição humana.

Referências bibliográficas

DARWIN, **A expressão das emoções no homem e nos animais**. 1872, p.208. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk> . Acesso em 25 out. 2018.

FERNANDES, Cássio et al. (Orgs.) Aby Warburg e o problema da mudança do estilo na arte do Renascimento. **Revista Figura: Studies on the Classical Tradition**, Campinas, v. 5, n. 1, 2017.

FRAGELLI, Isabel Coelho. Epitáfio a Aby Warburg. (1829)-(Ernst Cassirer) **Discurso**, v. 46, n. 1, 2016. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/119172> . Acesso em 07 dez. 2019.

GARIN, Eugenio. **O Zodíaco da Vida**. A polêmica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI. Lisboa: Editoria Estampa, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **Aby Warburg**. Una biografia intelectual. Madrid: Alianza, 1992.

GUERREIRO, Antonio. Aby Warburg e a História como Memória. **Revista de História das Ideias**. História e Verdade(s), Coimbra, v. 23, 2002. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/41705/1/Aby_Warburg_e_a_historia_como_memoria.pdf Acesso em 29 ago. 2018.

JOHNSON, Christopher. **Mnemosyne**. Meanderings through Aby Warburg's Atlas. Cornell University. 2012, p. 29. Disponível em: <https://warburg.library.cornell.edu/> Acesso em: 15 out. 2018.

SAXL, Fritz. A história da Biblioteca Warburg – 1866-1944. In: WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, v. 1, 2018, p. 237-238.

⁴⁹ WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1, p.146.

⁵⁰ WARBURG, *Op. Cit.*, p. 220-221.

SCARSO, Davide. Fórmulas e arquétipos, Aby Warburg e Carl Jung. In: POMBO et al. (Eds.) **Enciclopédia e Hipertexto**. Lisboa, Edições Duarte Reis, 2006, p. 536-549. Disponível em: https://www.academia.edu/7227727/F%C3%B3rmulas_e_Arqu%C3%A9tipos_Aby_Warburg_e_Carl_G_Jung . Acesso em: 6 mar. 2022.

WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WARBURG, Aby. De arsenal a laboratório. In: FERNANDES, Cássio da Silva. et al. **Revista Figura**, Studies on the Classical Tradition. v. 4, n. 1, 2016, p.188. Disponível em: http://figura.art.br/images/2016/2016_4.pdf Acesso em 22 jun. 2020.

WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1.

WIND, Edgar. O conceito de “Kulturwissenschaft” em Warburg e o seu significado para a estética. In: WARBURG, Aby. **A presença do Antigo**. Escritos inéditos. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. v. 1.